

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA ---- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

Rio de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulan & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Alemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO — I Movimento espiritual do Brazil em 1888, pelo Dr. **Sylvio Romero**. — II Os Quinze dias, por **Noronha** — III Resenha Politica e administrativa, por **Hippolito**. — IV Divisão administrativa do Brazil. — V A instrucção secundaria no Chile. — VI O Diccionario Grammatical de João Ribeiro por **Araújo Junior** — VII Bibliografia brazileira.

Movimento espiritual do Brazil no anno de 1888

(Retrospecto litterario e scientifico)

III

Eu ja disse que impossivel era discutir, analysar aqui a poesia nacional contemporanea. Limitei-me a indicar alguns symptomas geraes, entre outros, a antinomia existente entre ella e o romance; uma descambando para o idealismo puro e elevado, o outro entranhando-se pelo realismo sordido.

Ambos não podem ser verdadeiros. Digo que ambos são falsos no seu exagero; o lyrismo é falso quando systematisa um mundo de innocencias, de canduras, de heroismos, de gentilezas, de dignidades, de ternuras, de delicadezas, uns sonhos azues de angelicas venturas, de nunca vistas blandicias, de nunca ideados devotamentos, afastando-se evidentemente das condições actuaes da sociedade, da vida nacional; o

romance é falso quando systematisa um mundo de vicios de toda a casta, de todas as formas e feitos, a devassidão, a crapula, a sordidez, a deshonra, a calunia, a mentira, a corrupção humana em toda a sua hediondez. São duas systemáticas contraditorias, a da virtude e a do vicio, não correspondem á realidade positiva. Poetas e romancistas obedecem a um *canon* pre-determinado; e, como toda a obra d'arte é um organismo que, partindo de um elemento inicial, evolue por sua conta, ampliando, exagerando a primitiva tendencia, o resultado é poetas e romancistas chegarem afinal a creações phantasticas, ermas de verdade, alheias do meio em que realmente nos move nos.

Nosso lyrismo é, todavia, superior a nosso romance naturalista, e devemos cultivá-lo vastamente. É bastante corregil-o, fortalecel-o, amplial-o.

Bem como os allemaes, depois da debandada colossal de sua metaphysica, disseram que — *voltar a Kant era progredir*, pode e deve a critica proclamar que em nossa litteratura poetica — *voltar ao lyrismo é progredir*. Façam-no os nossos

moços com toda a exuberância d'alma; porque é essa a forma artística que lhes fica de molde, é aquella que rebenta espontanea e florescente do coração mavioso de nossa raça.

Não systematisem mundos aereos, phantasticos, impossiveis; sintam e digam puramente o que sentirem.

De mais nada precisa a poesia para ser grande, para ser boa, para captivar todas as almas de eleição. Não fiquem no círculo, vasto é certo, mas não unico, da poesia individual; os poetas devem ser os cultores dos grandes ideias da patria e da humanaidade. Aferir por esses ideias os impulsos do coração é abrir a fonte d'onde jorra a grande arte.

E' natural agora a passagem para o romance. O anno passado o naturalismo brasileiro, ainda tropeço e estreitante, deu os seus primeiros passos.

A *Carne* de Julio Ribeiro, o *Athenéu* de Raul Pompéa, o *Chromo* de Horacio de Carvalho, a *Hortencia* de Marques de Carvalho foram os principaes romances do anno. A elles deve-se juntar o *Homem* de Aluizio Azevedo, publicado nos ultimos meses de 1887.

Tambem não vou dar agora a analyse, o estudo demorado de cada um d'estes livros e desenhar o perfil de cada uma d'essas individualidades.

Será trabalho oportunamente feito.

Fiquemos no geral, n'aquillo que constitue o laço commun á intuição do romance por estes escriptores.

A primeira nota que se impõe ao leitor insuspeito é o ar de proximo parentesco entre todos aquelles livros, excepto o *Athenéu*. Dado o motivo inicial pelo *Homem*, os outros afinaram-se mais ou menos por elle. Os quatro romances são todos de *heroínas* e *heroínas* que se parecem bastante. *Lenita* é uma *preciosa* de truz, uma pedantesca moça, a quem a leitura e o estudo desorientado não poderam sofrear os impetos da *carne* e que prostituiu-se sofregamente com o primeiro macho que lhe apareceu e lhe dava lições; *Esther* é uma *preciosa* de peior especie, eivada de maluquice, que, apezar de suas excursões nos dominios da sciencia e da philosophia, enamorou-se loucamente por um gamengo visto uma só vez n'um baile, entrou a ensandecer pela visão de um *chromo* parecido com o rapaz, e mais tarde entregou-se impaciente ao medico que lhe encherá a cabeça

de fanfarrices pseudo-scientificas e por quem se apaixonara a seu turno; *Magdá* tambem era da familia das cultoras da meia-sciencia dos estudos indigestos; tomou-se de amores pelo rapaz que lhe servia de mestre, seu irmão sem que ella o soubesse.

Estas tres heroínas desmancham-se em sonhos estapafurdios, especialmente as duas ultimas. Resta *Hortencia*. Não era *sabia* como as outras; antes era uma pobre matuta rechonchuda e forte, boa candidata a mais de um homem...

A boa *diaba*, porém, de nervos equilibrados, tem um sonho horroroso, medonho, apocaliptico, só por ter ido a um hospital e conseguir lá um emprego!...

Si falta-lhe o elemento do *preciosismo* para apparentar-se ás outras, tem o elemento *sonho* para agarrar-se a ellas de unhas e dentes, e mais a facilidade alvar com que deixou-se deflorar por seu proprio irmão, que lhe fazia no caso o papel de *mestre*, não de *sciencia*, mas de cousas da rua e das macaquices e geringonças de um circo de cavallinhos.

Ha evidentemente nos quatro livros falta de invenção, que, tratando-se de romances naturalistas, quer dizer falta de observação directa, segura e pessoal.

Raúl Pompéa seguiu outro caminho, e, sem que seja isto razão para ciumes, seu livro, como obra d'arte, como concepção e como estylo, é o mais forte dos cinco.

A razão creio estar no seguinte: o auctor do *Athenéu* é o mais culto de seus pares no Brazil.

Não anda apenas a deglutir as migalhas da litteratura franceza. Provadamente estudosso, os classicos latinos e gregos não lhe mettem miedo, os bons autores ingleses e allemães fazem-lhe as delicias. Por isso não está elle preso ao naturalismo estreito e esteril da escola de Zola, cujos romances fazem na litteratura o mesmo papel dos livros de Letourneau, Le Bon, Lefévre et reliqui no mundo da sciencia, o papel da mediocridade charlatanesca, enganadora e pretenciosa. Tenho medo que me attirem pedras, quero dizer descomposturas, mas já agora é preciso ser sincero e dizer toda a verdade. O *naturalismo* de Zola, especialmente como o entendem no Brazil, não é a ultima palavra em litteratura. Ao lado desse naturalismo, que se pode chamar a systematisação do mal, ha um naturalismo mais vasto, mais correcto, mais exacto, mais humano e mais

scientifico. Este conta apenas dous representantes no Brazil: Raúl Pompéa e Domicio Gama.

São muito moços, começam apenas, não deram ainda toda a medida de sua capacidade; mas, ou eu me engano muito, ou este paiz tem n'elles dous escriptores de altura ácima do commun. Os outros têm talento; mas esse talento não é tão maleável, tão despreoccupado, tão insinuante, e tão alentado por bem dirigidos estudos.

Entretanto, Raúl e Domicio são hoje a minoria, representam a esquerda na lucta do naturalismo; os outros são em maior numero, mostraram o anno passado bastante vigor, e eu tenho a obrigação de expôr os motivos por que os não acompanho, preferindo os primeiros.

O zolismo puro, o zolismo extremado se me afigura em desaccordo com factos scientificos provados. Discutil-o, ainda que rapidamente, é discutir a intuição do romance adoptado recentemente no Brazil.

O maior feito espiritual do seculo actual foi mostrar a continuidade, a unidade de todos os factos, de todos os phenomenos que são o objecto da sciencia. Desapareceu assim a antiga insuperavel barreira entre as sciencias physicas e naturaes e as denominadas sciencias moraes.

A intuição monistica poude acabar com essa dicotomia; mas acabou-a com a devida sensatez.

Na litteratura, que sempre se modifica quando a sciencia se renova, apareceu logicamente a ideia do naturalismo, isto é, de um modo de comprehender a sociedade semelhante aquelle porque se comprehendem os phenomenos naturaes. Mas d'aquelle grande feito da cultura do seculo originou-se o que se pode chamar o grande erro de nosso tempo: a applicação errada e tumultuaria dos methodos e processos das sciencias inferiores ás sciencias superiores. D'ahi essas tentativas phantasiosas e perturbadoras de applicar processos da mathematica, ou da physica, ou da chimica, ou da biologia ao direito, á sciencia social, á economia politica, á critica litteraria, á esthetica, etc. Um cahos, um verdadeiro horror. Avalia-se bem quantas extravagancias essa mania na cabeca dos ignorantes não haveria de produzir. Emilio Zola foi d'esse numero. Sem estudos feitos, sem cultura scientifica, pegou da *Introdução ao estudo da physiologia experimental* de Claude Bernard e entendeu que tudo

aquillo era applicavel ao romance e inventou aquella patacoada do *Romance Experimental*, como si com a sociedade si podessem fazer experiencias!! O bom do romancista não viu que o proprio celebre medico francez distinguiu perfeitamente o methodo de *experimentação* do methodo de *observação*. « Dá-se o nome de *observador*, diz elle, a quem applica os processos de investigações simples ou complexas ao estudo dos phenomenos que esse alguem não faz variar e que são recolhidos por consequente taes quaes a natureza os apresenta; dá-se o nome de *experimental* a quem emprega os processos de investigações simples ou complexas para fazer variar ou modificar, n'um alvo qualquer, os phenomenos naturaes e os fazer aparecer em circumstancias ou condições nas quaes a natureza não os apresenta. »

Bem se vê que a humanidade, na marcha complicadissima de sua vida, poderá apenas ser objecto de observações locaes e limitadissimas e jamais assumpto de *experimentações*... Foi, portanto, n'um injustificavel erro de methodo que Zola fundou toda sua theoria de romance e da arte em geral. Esse erro de methodo trouxe inconvenientes sem par e falseou toda a sua esthetic. E' conhecida sua celebre definição da arte: « um canto, um pedaço da *natureza* visto atravez de um temperamento. » Esta definição é errada. A *natureza* não tem arte; a arte é um producto da *cultura* humana.

Tenho impetos de corregir a formula e dizer: « a arte é um canto da *sociedade* visto atravez de um temperamento. »

A theoria de Zola fere o principio fundamental de ser a evolução, o desenvolvimento, o *fieri* perpetuo da humanidade o resultado justamente de uma lucta contra a estreiteza, contra a esterilidade da natureza; desconhece o combate da *cultura* contra a *natura*.

Tudo quanto de elevado e grandioso tem a humanidade produzido, é um resultado d'essa lucta, d'esse combate diurno. A civilisação é o coeficiente d'esse esforço. O homem *natural* é o homem dos cavernas, o coeveo do megatherio e do mammuth. O homem pode ser definido o animal que faz estatuas, musicas, edificios e poemas. E' o animal que faz livros.

A natureza não tem a menor ideia d'essas cousas; uma *arte natural* implica contradição; arte e natureza são dous conceitos que se repellem.

Não é só isto: a theoria de Zola, o *naturalismo* consequente põe-se em desacordo com principios exactos da esthetica e da critica. Fere, por exemplo, de frente o principio verdadeiro de Taine de que a arte não consiste na imitação exacta e completa dos factos e sim na das simples relações necessarias e entre estas a do caracter fundamental das cousas.

Ataca o principio de Gottschall de ser a obra d'arte alguma causa de autonomo, que partindo dos factos reaes, desenvolve-se como um organismo independente.

Desconhece o axioma de Scherer de que realismo e ideialismo não são duas doutrinas, dois systemas, dois modos de comprehendere a arte; mas dois polos entre os quaes gira toda a concepção artistica da humanidade.

Insurge-se loucamente contra a verdade que se deve geralmente proclamar de que a synthese artistica, como a synthese scientifica e philosophica, não é objectiva nem subjectiva, como queriam os metaphysicos do materialismo e os metaphysicos do idealismo, mas uma synthese bilateral, o que importa dizer que não é só producto do mundo externo, sinão fundamentalmente do desenvolvimento mental do homem.

Repelle, finalmente, a sentença de Gustavo Freitag: «o romancista deve principalmente estudar o povo na sua actividade, no seu trabalho.»

Os naturalistas da escola francesa preferem estudar o povo na sua bandalheira! Simples questão de gosto. Mas é preciso convir quo até na bandalheira a *natureza* tem muito pouco que ver; os refinamentos os encantamentos artiticos da crapula são um producto da *cultura*, da *civilisação*.

A natureza! a natureza! sigamos a natureza! Siam-se dahi com as suas ingenuidades; si tivessemos ficado prezos ás agruras ou ás garras de *mamãi natureza*, ainda hoje seríamos uns animaes hirsutos e bestiaes a chupar o tutano dos ossos do urso das cavernas e do elephante primitivo..

O leitor me fará a justiça de suppor que, si fosse preciso e opportuno, eu desenvolveria as theses, todas as theses que deixei indicadas contra o naturalismo frances e mostradoras de una concepção mais larga, mais fecunda e scientifica da arte em geral e do romance em particular.

Essa errada concepção da arte e da literatura oriunda de um erro inicial de me-

thodo, conta similares desparates na critica e nas sciencias sociaes. Não é um facto simple e para ser desprezado; é, ao contrario, o grande erro do seculo XIX, oriundo justamente de sua melhor qualidade, já o disse. — Discutiremos depois.

SYLVIO ROMÉRO.

Os quinze dias

Morreu o Barão de Cotegipe, um dos maiores vultos da nossa politica. O *Paiz* considera a morte do Barão de Cotegipe como um sucesso lamentoso, porém favoravel à victoria final da democracia.

Estou de acordo com o *Paiz*, excepto no epilogo do seu editorial quando sauda (sic) o cadaver do illustre morto.

Com 26.000 habitantes já o *Paiz* mette dialecto novo.

Melhor fez a *Gazeta* que inesperadamente publicou o retrato do glorioso estadista. Inesperada nente, diga nos; porque a *Gazeta* fez-nos sempre a ternura de um delicioso obsequio quando vae deitar gravura; previne de vespera qualquer escrupulo estheticico:—«Amanhã vae vinhetas.»

E o povo, como as crianças, abre a bôca, mas previamente fecha os olhos.

A *Gazeta da Tarde* há poucos dias trouxe a noticia de que uma americana, Mme. Hirsch, «joven de 27 annos» deu á luz seis robustos filhinhos. A mesma *Gazeta* dez linhas adiante conclue: Mme. Hirsch «tem 31 annos.»

Parece á primeira vista haver contradição, mas não a ha, de modo algum. Aquella folha sabe que as mulheres envelhecem tanto quanto mais parem.

Não quero aqui aumentar as *reclames* que diariamente se fazem aos peitoraes, aos xaropes e a outros agentes therapeuticos, graças aos quaes devemos nós todos mais ou menos a precaria vida.

Quem ha no Rio que não deva ao xarope a integridade ao menos de uma perna? Desafio a que m'o contestem.

O que, porém, de ha tempos me tem causado, sobre pasmo, uma cruel duvida é o anuncio com que de vez em quando a gente tropeça no noticiario da *Gazeta de Notícias*:

«O dr Carvalho garante a cura da tisica. Rua do Carmo 30.»

Não conheço o illustre facultativo que é o Messias de mais de dez mil almas tuberculosas desta cidade neutra.

Fico pasmo, mas não duvido de que o dr. Carvalho *garantiu a cura da tisica*.

Só uma duvida me compunge ;
— Quem nos garante o dr. Carvalho ?

* * *

As folhas diarias, com intuito excellente mas desordenado, introduziram ha pouco um novo methodo de obituário.

O *obituário* parecia, até ha pouco tempo, a forma mais rudimentar da jornalística. Quando queriam falar da mesquinhez intellectual de qualquer redactor, diziam : « Fulano é uma besta; é o encarregado de escrever o obituário. »

Pois o obituário hoje teve a sua *revanche* e exige por parte de seu redactor, senão variada livraria, ao menos o conhecimento acurado da carta do ABC.

Hoje os mortos que se enterram são classificados não pelas febres nem pelo figado que os atirou por terra, mas pelos nomes com que os salgaram na pia.

Se bem comprehendo a intenção dos ilustrados redactores do obituário, penso que outra não é senão a de diminuir o terror publico diante da febre amarela.

Nota. Contra o panico a ordem alphabetică.

Muito bem.

Mas ahi vai engano e o povo não se illude facilmente. A um curioso conheço que fazia a estatística da febre amarela, e tomava as suas notações.

Dia 22. Febre amarela—45

O novo methodo escagalhou-lhe todo o trabalho e agora o nosso curioso limita-se singelamente a notar :

Dia 25. Souzas—124

Isto, em vez de diminuir o terror, aumenta-o.

Conheço um Souza que anda melancolico, rido pela mais profunda tristeza.

— Como vaes ? digo-lhe ás vezes.

— Qual ! d'esta vez não escapo. Os Souzas vão-se.

* * *

Boileau disse : "n sot..."

Já vejo que o leitor quer acabar a phrase : ... trouve toujours un plus sot, etc... Pois, engana-se redondamente. Boileau disse

cousa melhor, ainda que pouco repetida : *un sot ouvre qu lque fois un bon avis*

Pedido o conselho da medicina brazileira sobre os meios de dar cabo da terrivel febre amarela, entre as medidas aconselhadas, um illustre e pouco pagão Hypocrates notou que era n convenientes algumas preces e ladaínhas, entoadas para acalmar as iras do Senhor Deus vingativo e forte.

Consultado um congresso de vigarios, não é de estranhar que, pelo sim pelo não, ahi se aconselhasse o sagrado oleo, sem desprezo, todavia, do Profano Unguento.

Do congraçamento das duas doutrinas, tirei edificante lição e a *Gaze a* deve aproveitá-la para modificar a excellente formula do Dr. Rego Cesar, nestes termos : « Acido arsenioso. Para tomar um milligrammo, neia hora antes de cada *creio em Deos padre*. »

Da combinação d'aquele acido com o *creio* não sei que caso chimico poderia observar-se; talvez d'ahi proviesse o *sal*, aquelle *sal* que fez a celebridade cesarea do deputado Zama.

* * *

Fomos obsequiados com um bom livro de versos — *Peccados* — de Medeiros de Albuquerque.

O livro do joven poeta pode ser julgado quanto á philosophia que d'elle transpira e quanto á forma poetica.

Não discutimos a philosophia do auctor ; achamol-a, sombria, lugubre, e constitue, quanto á nós, o seu *peccado* mortal. Um moço de vinte annos que já deseja o *Nirvana*, o aniquilamento universal, é um disparate só explicavel diante de um figado mal intencionado.

Quando o poeta escapa a essa funesta influencia do *pathos*, a sua psychologia anima-se vivida e brilhante.

Além do mais a sua bilis pessimista é como estas febres intermitente; quem quer o aniquilamento da especie não pode aconselhar o prazer carnal que é o unico meio de perpetual-a.

Medeiros de Albuquerque é, pois, um peccador vulgar, como nós todos ; optimista devéras, amoroso, jovial por indole e apenas budhista por litteratice.

Quanto á forma poetica do seu livro, somos ou antes sou de escola diversa : o que me inhabilita para qualquer juizo.

Para mim, em arte não ha causa pelo do que o *natural*.

A arte é a cultura; a arte é justamente o polo opposto da natureza.

A naturalidade pode ser uma causa preciosissima, mas nunca artistica.

Mas, esse criterio de apreciação é mal visto talvez por muitos dos nossos criticos e, por isso, deixo de deitar *scienza nuova* à respeito dos *peccados* poeticos dos nossos conterraneos.

Demais, que lucraria com isso o talento invejável de Medeiros de Albuquerque?

E, agora que estou no fim, por que não hei de allegar que ha falta de espaço?

NEREU.

Livros, etc.

Com o titulo *Cuore* (1) publicou Ed. de Amicis um livro magnifico que na Italia teve para logo cincuenta edições.

Cuore é um livro amenissimo, uma especie de *cakier* de creança, em que ficam registrados os pequenos successos da vida infantil, durante o periodo da escola primaria.

Pela natureza do assumpto bem se vê que foi escripto em estylo simples, como convinha á comprehensão dos seus pequenos leitores.

Não é nosso intuito fazer a critica de um trabalho já consagrado pela critica européa, como sendo no genero um verdadeiro *capo di lavoro* artistico e moral.

A noticia que damos é que o precioso livro acha-se traduzido para o portuguez e é de crer que nas nossas escolas encontre as mesmas sympathias que o popularisaram na Europa.

Recommenda-lo seria inutil se se tratasse de accentuar o valor do eminent litterato italiano, mas é um dever do bibliographo accusar a existencia em nossa lingua d'aquelle purissima joia da nova Italia.

Devemos accrescentar que diversos trechos do *Coração* foram editados ha tempos pela *Gazeta de Notícias*, trechos que Ramalho Ortigão trouxe em manuscriptos na sua viagem ao Brazil e recommendara ao publico fluminense.

Agradecemos o exemplar que nos foi obsequiosamente remettido.

(1) Ed. Amicis—*Coração*, traducção portugueza, 1889. Vende-se na livraria Alves & C.

Rezenha Política e Administrativa

O facto capital da quinzenna, que atira para os planos inferiores todas as occurrencias do co neco deste anno, é incontestavelmente o falecimento do Barão de Cotegipe; politici nente falando, menos pela perda, aliás sentidissima do grande estadista em si, do que pela supressão do personagem insubstituível no importante papel a que, por mais de um motivo, estava destinado a representar nas ultimas e commoventes scenas do segundo reinado.

Com razão à beira do tumulo queia receber os despojos do chefe conservador, reputava uma notabilidade politica essa morte—uma verdadeira calamidade;— calamidade com effeito, pode ser ella considerada neste momento, para o partido conservador, para uma grande parte do paiz, e sobretudo para a monarchia.

A monarchia nelle tinha o mais firme e dedicado sustentaculo, do lado conservador: só elle seria capaz de obstar o desbarato das forças da grey, o—que inevitavelmente dar-se-ha no momento da peleja eleitoral, senão antes; só elle, na hora da retirada do poder, o que para o partido conservador está bem proximo, teria prestigio bastante para, senão congraçar, pelo menos manter a alliance entre os grupos dissidentes, tanto quanto fosse necessaria para que de todo senão esphacela-se o partido. E é justamente desse esphacelamento que mais deve temer a monarchia.

E' fora de toda a duvida que o gabinete 10 de Março, não representa o puro conservatorismo, e que um chefe como o Sr. Paulino de Souza, que jamais o acceitou como tal, não se congraçará com os seus representantes quando apeados do poder. Ora, o grupo que acompanha este chefe e que é composto em boa parte das mais salientes notabilidades do sul, não cruzará os braços, diante da ascenção do partido liberal, por culpa, senão por conchavo, daquelle gabinete. A *revanche* hade dar-se e a luta entre os douos grupos conservadores será mais renhida, do que entre o partido ascendente e o descendente.

Devidido um dos grupos necessariamente um delles se alliará aos liberaes; e o outro, ficará só?—Não por certo.—Qual o seu aliado? Os factos isolados que se tem dado, nas eleições provinciales, municipaes, e até mesmo geraes para preenchimento de

vagas, estão indicando, e não é preciso muita perspicacia para se descobrir no partido republicano o aliado do grupo conservador dessidente.

Os extremos tocam-se, e é justamente dos representantes do puro conservatorismo que mais deve temer a monarchia. E razões de sobra tem esse grupo para não se manter fiel à instituição soberana por quanto foi esta a primeira a lhe faltar com o apoio, a romper os laços de aliança que sempre existiu para garantia de ambas as partes.

Os governistas, que no periodo corrente são formados por individuos de todos os partidos, e esta é que é a verdade, saídos das fileiras, conservadoras liberaes e republicanas, é que formam a guarda defensiva do gabinete 10 de Março; os governistas não cessam de repetir que os despeitados e descontentes é que estão engrossando o partido republicano. E' isso mesmo, digo eu tambem, mas accrescento, que, nem por serem despeitados e descontentes deixarão de concorrer para o ganho da causa contra monarchica.

Que importará ao puro republicanismo vencer com esta ou com aquella aliança com tanto que vença? Porventura os partidos monarchicos, não tem, mais de uma vez, um vencido o outro, com o auxilio dos despeitados e descontentes? Como cahio o ministerio Dantas e assim preparou a ascenção do partido conservador? Não foi por meio de uma aliança de conservadores com liberaes despeitados e descontentes? E não são tambem neste momento conservadores, despeitados e descontentes, que estão auxiliando os liberaes a subir ao poder?

O processo é o mesmo e já muito usado, somente desta vez a aliança para a deribada de um e subida de outro partido monarchico, lançará em novo campo despeitados e descontentes de ambos, que decuplarão as forças do terceiro partido, que ainda o anno passado o Presidente do Conselho convidava a crescer e a aparecer, mas que á esta hora já deve estar convencido senão do seu crescimento pelo menos do seu apparecimento.

Que o partido republicano cada vez se vai mais fortalecendo e acertando com a orientação não ha duvidal-o, pois ainda agora bem o provou a eleição pelo 4º distrito de S. Paulo.

Não annulou-se o partido republicano aliando-se ao liberal para dar a este ganho de causa, muito pelo contrario firmou uma doutrina, cuja pratica virá a ser fatal a monarchia. Desde que os republicanos tenham por norma exclusiva, combater passivamente os de cima auxiliando systematicamente os de baixo, a estabilidade dos partidos no poder se tornará impossivel, e a monarchia acabará por falta de meios governativos.

Mas tão adeantadas vão as ideias ultra democraticas, que creio não ser necessário ao partido republicano, lançar mão desse recurso como arma de guerra.

Os partidos monarchicos estão tão subdivididos, que por si mesmo se encarregão de dilacerar-se mutuamente.

Não serão os republicanos quem terão de alliar-se aos partidos monarchicos para fazer triumphar o que estiver de baixo, como acaba de acontecer em S. Paulo, mas os grupos dessidentes, quer de um quer de outro partido, é que não tardarão auxiliar os republicanos para abrir-lhes as portas da representação nacional.

As futuras Camaras terão um grupo tão avultado de republicanos que nem ao Sr. João Alfredo, nem ao maior optimista monarchico, restará duvida do crescimento e apparecimento dos evolucionistas da politica brazileira.

O prologo que acaba de findar-se com a inesperada morte do Barão de Cotegipe, deixou bem acentuado o *enredo* do drama que vae dar-se.

A ascenção do partido liberal, effectuar-se-ha logo depois da abertura das Camaras, e como o exemplo não é novo pois ao subir o partido conservador em 1885 pediu e obteve das Camaras liberaes as leis annuas, também poderão agora os liberaes fazer o mesmo pedido aos conservadores, e até conseguir dos actuaes governistas que a cousa se faça em breves termos, mediante a proxesssa de favorecimento nas subsequentes eleições. O actual ministerio poderá mesmo ao passar o *balanço* arranjar com que se dvida ao meio os lucros e perdas; e é com isso que contam alguns governistas, pois o essencial para muitos é serem reeleitos. Deste modo não ficarão perdidos os trabalhos feitos a bem dos amigos do actual governo.

Si a aliança, como suppõe e com bons fundamentos alguns entendidos na materia, se effectuar entre o ministerio ascendente

e o descendente, claro está que os dissidentes conservadores serão tratados sem dó nem piedade; e então não lhes restará outro caminho que não seja o do campo republicano, a menos que não prefiram anular-se.

No Pará a luta entre os padres do grupo Siqueira Mendes e o deputado Mac Dowell, não poderá ser decidida com proveito para o partido conservador, o mesmo se dará no Maranhão, entre o grupo Maia e Gomes de Castro.

Na Bahia é peior, o deputado Araújo Góes, já a esta hora talvez arrependido de haver aceitado a presidencia de Pernambuco, vendo-se posto em segundo plano, e consequintemente preferido pelo Barão de Guahy, na escolha senatorial pela vaga do Barão de Cotegipe, não trepidará em formar o seu grupo e disputar a chefia que insidiosamente se procurará usurpar-lh'a.

No Rio de Janeiro, muito peior se é possível, pois de um lado firme em seu dosto permanecerá o Sr. conselheiro Paulino de Souza, e de outro manobrará jesuiticamente o triumvirato Ferreira Vianna, Andrade Figueira e Thomaz Coelho, que procura arrancar o bastão do commando a seu antigo protector, aninhando cada um delles no íntimo a idéa de reservar para si exclusivamente o invejado despojo, que fingidamente apparenta a disputar para o Sr. Andrade Figueira.

No meio de tantas e tão encontradas ambições e intestinas desintelligencias, só um chefe altamente prestigioso e dotado de excepcional talento, poderia salvar o partido conservador na hora do chamado *ostracismo*; esse chefe só o poderia ser o Barão de Cotegipe, mas esse, a morte acaba de arrebatal-o á patria, que por mais este motivo, além de tantos outros, prantea-o desolada.

Quem o poderá substituir naquelle melindrosíssimo papel? — Sem medo de errar respondo de prompto — ninguem. O proprio Sr. Paulino de Souza, que é o que mais se aproxima do Barão de Cotegipe, pela gentileza do seu espirito conciliador, não o pôde substituir, porque primeiro que tudo é inconciliável co n o Sr. João Alfredo. E nisso, isemto de paixão partidaria, o reputo de mais puro quilate que o illustre morto; o chefe fluminense é d'aquelles de que n dizia Sá de Miranda — de antes quebrar que torcer —. Ele pre-

ferirá tudo a alliar-se áquelles que desde 10 de Março de 1888 tanto tem trabalhado para eliminal-o do logar que conquistou com a maior probidade politica.

Por tudo isto é que eu disse, ao começar este artigo, que o falecimento do Barão de Cotegipe assume neste momento o vulto de uma verdadeira calamidade politica. O seu desapparecimento da scena da vida, importa na suppressão de um dos principaes papeis do drama que não tardará a desenvolver-se rapido e fatalmente; pois, por mais que procurem negar os optimistas, o scenario está preparado para alguma cousa de tragico para a monarchia.

Mas como quer que seja o venerando cidadão, que ha pouco desceu ao tumulo, ao transpor os humbraes da eternidade, lancando um olhar derradeiro á terra do seu berço, havia de sentir muito não ter feito por ella tudo quanto desejára.

Eu sou daquelles que estão certos que só ao meio acanhado em que viveu, ás medianas aspirações de uma politica tacanha, ás ambições desmarcadas de correligionarios influentes de aldeia e ao espirito atrazado do imperador em materia administrativa, deve o Barão de Cotegipe as cadeias que o jungiram ao estreito espaço em que foi obrigado a debater-se. Mas, ainda assim, força é reconhecer, teve uma virtude civica a sobrepujar todas as outras—a do patriotismo,—e disso deu provas por mais de uma vez, sendo a principal dellas a que o levou a arrostar todo o resto da existencia com o odio e o sarcasmo das republicas vizinhas só para manter os direitos e a dignidade do seu paiz.

Em um largo periodo de cincoenta annos, em um circulo tão acanhado como este nosso, seria exigir muito querer que um espirito sempre em luta aberta podesse satisfazer todas as aspirações nacionaes; mas guardadas as proporções de relatividade, conhecidos os meios de que elle pôde dispôr, comparada a marcha do seu espirito com a do progresso patrio, estudado bien de face o seu caracter—o Barão de Cotegipe foi um homem verdadeiramente illustre. A provincia da Bahia pôde orgulhar-se de ter produzido as tres principaes figuras da ultima phase do segundo reinado—Rio Branco, Zacharias e Cotegipe. Por mais rica que fosse uma nação de capacidades, não se desdenharia por certo de possuir essas tres.

HYPOLITO.

O movimento do «Gabinete Portuguez de Leitura» no decurso de 24 de Dezembro de 1888 a 31 de Janeiro ultimo, foi de 1574 volumes, sendo 826 saídos e 748 entrados, a saber: em portuguez 1387, francez 176, inglez 1, hespanhol 8, allemão 2.

A biblioteca foi frequentada por 363 leitores e 190 visitantes. Total de leitores neste decurso 1461.

O edificio tem sido visitado por cerca de 12.000 pessoas.

Desde 24 de Dezembro de 1835 até 30 de Abril de 1888 a Caixa da Amortização recebeu em notas do Thesouro para pôr em circulação 808.688:489\$000; sendo proveniente:

Do Thesouro Nacional....	45.881:430\$000
De Londres (da impressão)	321.807:059\$000
Dos Estados Unidos (da impressão)	441.000:000\$000
	<hr/>
	808.688:489\$000

Esta totalidade tem tido o seguinte destino;

Notas trocadas por moeda subsidiaria.....	1.500:000\$000
Notas queimadas.....	488.889:112\$750
Notas não apresentadas ao troco.....	4.326:667\$000
Notas existentes nos albuns de repartições.....	39:240\$000
	<hr/>
Existentes na Caixa :	493.257:019\$750

Assignadas.....	31.144:346\$000
Por assingnar....	72.100:000\$000
Inutilizadas para queimar.	23.325:860\$250
	126.570:206\$250
	<hr/>
Em Circulação.....	619.827:226\$000
	188.861:263\$000
	<hr/>
	808.688:489\$000

Nas notas queimadas estão comprehendidas as 29.730 perdidas no naufrágio do vapor *Bahia* na importancia de 102:247\$000.

A importancia que por força da substituição tem revertido para os cofres publicos é de 5.105:820\$850, sendo de desconto 779:153\$850 e das não apresentadas ao troco 4.326:667\$000.

Divisão administrativa do Brazil

SYNOPSIS HISTORICA

O Brazil, como é geralmente sabido, divide-se em 20 provincias e subdivide-se em 330 cidades e 562 villas ou 892 municipios, e estes em 1886 parochias, segundo os dados officiaes, que de preferencia seguimos neste esboço. A distribuição dessas cidades, villas e parochias é a seguinte:

Provincias	Capitaes	Cidades	Villas	Municípios	Parochias
1 Amazonas	Manáos	4	11	15	33
2 Pará	Belém	11	35	46	73
3 Maranhão	S. Luiz.	9	33	42	59
4 Piauhy	Theresina	4	23	27	31
5 Ceará	Fortaleza	19	45	64	78
6 Rio G. do N.	Natal	9	18	27	30
7 Paraíba	Parahyba	8	23	31	43
8 Pernambuco	Recife	21	36	57	87
9 Alagoas	Alaceió	7	20	27	34
10 Sergipe	S. Christovão	7	25	32	36
11 Bahia	S. Salvador	15	79	94	208
12 Espir. Santo	Victoria	3	12	15	29
13 R. de Janeiro	Nictheroy	18	18	36	134
	M. Neutro (C. do Brazil)	1	—	1	21
14 S. Paulo	S. Paulo	56	69	125	188
15 Paraná	Curitiba	9	17	26	37
16 S. Catharina	Desterro	6	13	19	51
17 Rio G. do Sul	P. Alegre	15	45	60	111
18 Minas Geraes	Ouro Preto	17	89	16	522
19 Goyaz	Goyaz	14	18	32	64
20 Matto Grosso	Cuyabá	5	5	10	17

I — PROVÍNCIA DO AMAZONAS

Cidades

1 — MANÁOS (capital da província) — Villa com a denominação de *Barra do Rio Negro* em 1790. Cidade por Lei provincial do Pará de 24 de Outubro de 1848.

Teve a denominação de Manáos por Lei provincial do Amazonas de 4 de Setembro de 1856. — Compõe-se de seis parochias:

- 1) N. S. da Conceição de Manáus
criada em..... 1695
- 2) N. S. dos Remédios criada em.... 1873
- 3) Santo Angelo de Taupessassú
criada em 1855
- 4) N. S. de Nazareth de Manacapuru
criada em..... 1865
- 5) S. João de Ariman criada em.... 1873
- 6) N. S. de Nazareth da Bella Vista
criada em..... 1879

2 — ITACOATIARA — Villa com a denominação de Serpa por Lei provincial de 10 de

Dezembro de 1857. Installada a 24 de Junho de 1858. Cidade por Lei provincial de 25 de Abril de 1874.— Compõe-se de uma parochia.		tembro de 1865. Compõe-se de uma parochia:
7) N. S. do Rozario de Itacoátiara creada em 1759		21) N. S. da Conceição de Maués criada em 1800
3—PARINTINS— Villa com a denominação da <i>Villa Bella da Imperatriz</i> por Lei provincial de 15 de Outubro de 1852. Installada a 14 de Março de 1853. <i>Cidade de Parintins</i> por Lei provincial de 30 de Outubro de 1880. Compõe-se de uma parochia:		5—CUDAJAZ — Villa por Lei provincial de 1 de Maio de 1874; installada em 5 de Agosto de 1875. Compõe-se de uma parochia:
8) N. S. do Carmo de Paratins criada em 1803		22) N. S. da Graça de Cudajaz criada em 1868
4—TEFFÉ— Villa de <i>Ega</i> em 1759 e cidade de <i>Teffé</i> por Lei provincial de 15 de Junho de 1855. Compõe-se de cinco parochias:		6—LABRIA — Villa por Lei provincial de 14 de Maio de 1881; installada em 7 de Março de 1886. Compõe-se de duas parochias:
9) Santa Thereza de Teffé criada em 1759		23) N. S. de Nazareth da Labria criada em 1873
10) N. S. do Guadelupe da Fonte-Bôa criada em 1759		24) Santo Antonio da Quicinhan criada em 1880
11) S. Francisco Xavier de Tabatinga criada em 1766		7—MANICORÉ — Villa por Lei provincial de 4 de Julho de 1877; installada em 15 de Maio de 1878. Compõe-se de duas parochias:
12) S. Joaquim de Cayssara criada em 1878		25) N. S. das Dores de Manicoré criada em 1859
13) S. Pedro de Tocantins criada em 1865		26) S. Francisco do Rio de Madeira criada em 1885
VILLAS		
1—BARCELLOS — Villa em 6 de Maio de 1758. Compõe-se de quatro parochias:		8—MOURA — Villa por Lei provincial de 16 de Outubro de 1878 Compõe-se de tres parochias:
14) N. S. da Conceição de Barcellos criada em 1758		27) Santa Rita de Moura criada em.. 1758
15) N. S. do Rozario de Thomar criada em 1758		28) N. S. do Carmo do Rio Branco criada em 1858
16) S. Gabriel criada em 1758		29) Santo Alberto do Carvoeiro criada em 1878
17) S. José de Marabitanas criada em 1758		9—OLIVENÇA — Villa por Lei provincial de 31 de Maio de 1882. Compõe-se de uma parochia:
2—BORBA — Villa por Lei provincial de 10 de Dezembro de 1857, suprimida por Lei de 3 de Outubro de 1866, restaurada por Lei de 4 de Julho de 1877 e reinstallada em 14 de Fevereiro de 1878. Compõe-se de duas parochias:		30) S. Paulo de Olivenga, criada em 1759
18) Santo Antonio de Borba criada em 1756		10—SILVES — Villa por Lei provincial de 21 de Outubro de 1852; installada em 14 de Março de 1853. Compõe-se de duas parochias:
19) N. S. do Carmo de Canumã criada em 1802		31) N. S. da Conceição de Silves criada em 1759
3—COARI — Villa por Lei provincial de 1 de Maio de 1874 e instalada em 2 de Dezembro de 1875. Compõe-se de uma parochia:		32) Sant'Anna da Capella criada em. 1880
20) N. S. da Conceição de Alvellos criada em 1744		11—NOVA-DA BARREIRINHA—Villa por Lei provincial de 9 de Junho de 1881. Compõe-se de uma parochia:
4—CONCEIÇÃO—Ja era Villa em 1833 com a denominação de <i>Maués</i> , passou a denominar-se <i>Conceição</i> por Lei de 11 de Se-		33) N. S. do Bom Socorro de Andirá criada em 1853

A instrução secundaria no Chile.

Por decreto de 10 de Janeiro ultimo foi aprovado o seguinte programma para o ensino secundario, no Chile:

Art. 1º — O curso de estudos secundarios durará seis annos e será commum a todos os alumnos dos Lycéos do Estado e para todos os que aspiram gráos universitarios.

Art. 2º — Em todos os estabelecimentos de instrucção secundaria mantidos pelo Estado, se observará o seguinte plano de estudos:

1º anno

Castelhano	5 horas por semana
Historia e geographia	3 " " "
Mathematicas	6 " " "
Sciencias physicas e naturaes	3 " " "
Francez	4 " " "
Religião	2 " " "
—	23 horas semanaes

2º anno

Castelhano	5 horas por semana
Historia e geographia	3 " " "
Mathematicas	6 " " "
Sciencias physicas e naturaes	3 " " "
Francez	4 " " "
Religião	2 " " "
—	23 horas semanaes

3º anno

Castelhano	5 horas por semana
Historia e geographia	3 " " "
Mathematicas	6 " " "
Sciencias physicas e naturaes	3 " " "
Francez	4 " " "
Religião	2 " " "
—	23 horas semanaes

4º anno

Castelhano	5 horas por semana
Historia e geographia	3 " " "
Mathematicas	6 " " "
Sciencias physicas e naturaes	3 " " "
Inglez e allemão	4 " " "
Religião	2 " " "
—	23 horas semanaes

5º anno

Castelhano	5 horas por semana
Historia e geographia	3 " " "
Mathematicas	3 " " "
Sciencias physicas e naturaes	6 " " "
Inglez e allemão	4 " " "
Religião	2 " " "
—	23 horas semanaes

6º anno

Castelhano	3 horas por semana
Logica	3 " " "
Historia e geographia	3 " " "
Mathematicas	6 " " "
Sciencias physicas e natures	3 " " "
Inglez e allemão	4 " " "
Religião	2 " " "
—	24 horas semanaes

Art. 3º — Em cada um dos seis annos do curso se destinarão, além disso, tres horas semanaes á gymnastica, á musica vocal e desenho.

Art. 4º — Serão de aprendizado voluntario o latim, o grego e o italiano.

Art. 5º — A geometria analytica, a philosophia e a historia litteraria se ensinarão em seguida na Universidade.

Art. 6º — As condições para serem matriculados no 1º anno serão determinadas em artigos especiaes.

Art. 7º — Os que tiverem sido aprovados em latim não necessitam, para obter o gráo de bacharel pela facultade de philosophia e humanidades, prestar exames de inglez nem de allemão.

O Diccionario Grammatical de João Ribeiro

A natureza é confusa e obscura. São os sentidos e a logica que lhe dão nitidez e ordem.

« Todavia a base de coordenação, diz Bourdeau, reside na reunião dos similhantes e na separação dos dissimilhantes, por quanto, para que se possa chegar ao conhecimento de um conjunto de cousas, é indispensável distribui-las em grupos constituidos de tal modo, que cada uma d'ellas se encontre afastada das de que differe e approximada das que se lhe assimelham. »

« Ter-se-ia, acrescenta o mesmo autor, uma visão clarissima do *todo* se fosse possível determinar exactamente aquillo que as suas partes têm de diverso, e ao mesmo tempo de commun.

Gyrande, portanto, o mundo dos nossos conceitos entre os dous polos da distinção e da assimilação, é manifesto que a comprehensão de qualquer ordem de factos depende antes de tudo do processo de descripción. Como a confusão resulta da diversidade das cousas, importa dispol-as

por series, tendo-se em conta as suas principaes disparidades. D'este modo o discernimento assume as proporções da facultade mestra da intelligencia. »

Estas cabaes expressões do philosopho francez explicam-nos perfeitamente a lucidez de certos talentos.

Nem todo o homem de sciencia, ou que se apresenta como tal, dispõe d'essa força inicial de discernir. Muitos individuos ha que adquirem pela diuturnidade do exercicio, ou que nascem com a bossa da generalisação, mas que, por conformação especial do intellecto, nunca chegam a ter um sentimento definido da função do discernimento. São estes seguramente os que mais exercem as suas aptidões em coodenar factos confusos, fugitivos, e que por ultimo, na impossibilidade de tornarem a verdade por assim dizer tangivel, acabam, concentrados en analogias arbitrárias, recorrendo á deducção de typos preestabelecidos.

E' do continuo exercicio d'aquella assinalada faculdade que os positivistas ingleses tiram toda a clareza notada em seus livros de exposição doutrinal. Entre os nossos escriptores actuaes talvez seja João Ribeiro quem se apresente mais intensamente caracterisado por tendencias d'essa ordem. Foi pela clareza que este nosso novel philologo começou a impôr-se aos que estudam n'este paiz; é pelo discernimento que sua obra, embora pouco extensa ainda, vae conquistando, dia a dia, a sympathia e a confiança dos que se não deixam levar pelos simples arroubos de imaginação, ou pela ostentação superflua de theorias mal digeridas e ainda peior applicadas.

Quando em 1884 foram publicados os seus *Estudos filológicos*, uma cousa principalmente me impressionou: foi esse mesmo espirito de simplificação, que Andrew Lang introduziu na sciencia da mythologia comparada, fazendo-a sahir do sarrafacal, em que os pedantes da escola queriam conservar uma ordem de factos tão simplicáveis como quaesquer outros.

A linguistica no Brazil vae dever em grande parte ao illustrado sergipano esse passo decisivo: não confundir o que é elementar em cada sciencia, e retirar a philologia comparada, e os estudos de grammatica do terreno idéal ou do campo puramente esoterico em que os tinham posto, para tornal-os accessíveis ás intelligencias menos cultas.

A linguistica e a mythologia, por isso mesmo que, para constituirse, foram obrigadas a procurar subsidios em todas as sciencias, chegaram a tornar-se um labirintho tão inextricavel, que difficilmente quem nelle penetrasse conseguia sahir, ou sahia illeso. Quantos não andam ainda hoje perdidos na antropologia, na acustica e n'outras julgando que estas sciencias é que constituem a grammatica ? !

João Ribeiro, porém, soube em tempo evitá o escolho, e sem que lhe falte o preparo indispensavel a qualquer trabalho d'essa natureza, buscou o ponto de vista que mais lhe convinha para dar incremento no Brazil aos estudos que formam a sua especialidade. Dispondo de um tacto segurissimo elle, tem podido conciliar o espirito do que os ingleses chamam *scholar* com uma certa dose de amenidade litteraria ministrada pelas qualidades imaginativas, que possue e são tão proprias para dar impulso ás idéas.

Ninguem como esse philologo, portanto, acha-se em condições tão propicias para emprehender obras de vulgarisação, fazendo baixar até á intelligencia das crianças o que até hoje se julgava inaccessible mesmo para os adultos não familiarizados com essa classe de estudos.

Uma prova do quanto João Ribeiro se distingue pela faculdade de discernir encontra-se logo ao ler-se o primeiro capitulo do seu já referido trabalho, sob a rubrica — *Funcciología*.

Se se tratasse de uma intelligencia com aptidões de outra especie, o que teria sucedido seria o seguinte: Impressionado pelos estados de Breal, Vinsson, Darmesteter e outros; atordoado pela suggestão de factos novos, a funcciología tomaria proporções universaes, e absorvendo-lhe todas as forças do espirito, acabaria por converter-se no eixo do pensamento, como sucede com Pictet a respeito das raizes arianas.

Natureza equilibrada, porém, o autor do *Dictionario gramatical*, distinguindo logo a importancia d'esses factos e limitando a esphera de suas relações, não cahiu no dislate de perder de vista por amor dos mesmos, os grupos já fixados e delimitados.

ARARIPE JUNIOR.

(*Diario de Noticias* de 10 de Fevereiro 89).

Bibliographia Brazileira

ANNO II — 15 DE FEVEREIRO DE 1889 — BOLETIM XIII

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias litographies, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a notícia das publicações.

O CENTRO BIBLIOGRAPHICO VULGARIZADOR

Compra e vende livros raros e preciosos: restos de edições e edições inteiras; bibliothecas particulares e livrarias para liquidar.

Permuta obras estrangeiras e nacionaes, e serve de intermediario para com as livrarias das provincias e do estrangeiro.

Encarrega-se de liquidar por meio de vendas, leilões geraes e parciaes, livrarias bibliothecas e edições. Organisando para isso catalogos e encarregando-se da sua publicação e vulgarisação.

Encarrega-se de publicações por conta dos autores, do governo geral ou provincial: da distribuição pela imprensa nacional e estrangeira, bem como da respectiva venda e propaganda,

A commissão depende da importancia do encargo e dos meios necessarios á sua realização variando de 2% a 40%.

Catalogo alphabetico das publicações brazileiras

LIVROS

7 — BARROS BARRETO (Dr. João) Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Estudo hygienico de esgotos da cidade do Rio de Janeiro—These Inaugural approvada com distinção. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889—8º com 187 pags. e varias inunes.

8 — BARROS BARRETO (Senador) A via-ferrea transcontinental. Breves considerações—Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889—8º com 106 pags. — Sahio anteriormente publicado no *Diário Official* e trans cripto no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro.

9 — CODIGO DE POSTURAS da Camara Municipal da Villa do Rio Bonito—Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889—32º com 27 pags.

10 — DECRETO N. 3403 de 24 de Dezembro de 1888—Permitte ás companhias anony mas, que se propuzerem a fazer operaçoes bancarias, emitir, mediante certas condi ções, bilhetes ao portador e á vista, conver tiveis em moeda corrente, e dá outras providencias. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888—8º com 24 pags.

11 — DECRETO N. 10.121 de 15 de Dezembro de 1888—Concede privilegio e garantia de juros para a construcção da estrada de ferro de Macahé á Serra do Frade. Rio de

Janeiro, Imprensa Nacional 1889—8º com 15 pags.

12 — DECRETO N. 10.124 de 15 de Dezembro de 1888—Concede á companhia que José Moreira Barbosa e o engenheiro Eduardo Mendes Limoeiro organizarem di versos favores inclusive garantia de juros para a construcção do trecho da estrada de ferro da Victoria a Santa Cruz do Rio Pardo, comprehendido entre aquella cidade e o ponto do entroncamento com a estrada de ferro de Santa Luzia do Carangola — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889—8º com 13 pags.

13 — ESTATUTOS do Banco Mercantil dos Varegistas. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889—8º com 11 pags.

14 — ESTATUTOS da companhia de Fiação e Tecelagem União Industrial. Approvedados em Assembléa Geral de 5 de Dezembro de 1888. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888—8º com 11 pags.

15 — ESTATUTOS da Sociedade Educadora Mineira. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888—8º com 11 pags.

16 — INSTRUÇÕES para a construcção do açude de Quixadá, a que se refere a portaria de 15 de Dezembro de 1888. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889—8º com 8 pags.

17 — LIGA I Opusculo anti-protestante. Offerecido ás Familias Catholicas. «*Venient in novissimis diebus in deceptione illusores,*

juxta propriis concupiscentias ambulantes.
2 Petri 3.—Hare scripsi vobis de his qui seducant vos. 1. Joan 2.26—S. Paulo, Typ. Salesiana do S. C. de Jesus 1888—32º com 48 pags.

18—MEDEIROS DE ALBUQUERQUE (Dr. Joaquim José de Campos da Costa de)—Comissão Central Brazileira de permutações internacionaes. Relatorio apresentado ao Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, o Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Fernandes da Costa Pereira pelo Presidente da Comissão—Em 31 de Março de 1888—Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888—8º com 47 pags.

19—REGULAMENTOS para concessão de Engenhos centraes destinados as fabricas de assucar de canna approvado pelo Decreto n. 10.100 de 1 de Dezembro de 1888. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888—8º com 13 pags.

20—RELATORIO da Associação de auxilos mutuos da Imprensa Nacional para ser apresentado á assembléa geral de 27 de Janeiro de 1889 pela Adminisiração de 1888—Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889—8º com 32 pags.

21—RELATORIO da Imperial associação nacional dos Artistas Brazileiros—Trabalho, União e Moralidade—apresentado em sessão anniversaria de 7 de Setembro de 1888 pelo 1º secretario Manoel Francisco da Trindade. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889—8º com 26 pags.

22—RELATORIO do Conselho Administrativo da Imperial Associação Typographica Fluminense. Apresentado á Assembléa Geral, em 16 de Dezembro de 1888. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888, 8º com 32 pags,

23—REVISTA DOS CURSOS PRATICOS E THEORICOS da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. 5º anno 2º semestre. Comissão Redactora : Drs. Cons. Nuno d'Andrade, Pizarro Gabizzo ; José Maria Texeira, Campos da Paz e Gançalves da Silva. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1888—8º com 115 pags.

24—REVISTA da Sociedade Commemorativa da Independencia do Imperio. Organizado pelo Dr. Francisco Augusto d'Almeida, vice-presidente da mesma sociedade Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889—8º em 63 pags. e uma estampa represntando a estatua equestre de D. Pedro I, da praça da Constituição do Rio de Janeiro.

Notícias Bibliographicas

Na vitrine dos Snrs. Alves & C.ª vimos os seguintes livros novos :

Nouveau dictionnaire de la santé par le Dr. Paul Bonami,

Nouveau dictionnaire de chimie par Emile Bouant.

Traité du palper abdominal au point de vue obstétrical par A. Pinard.

Traité d'hystérotomie et d'hystérectomie par la voie vaginale par le Dr. Laurent Secheyron.

Lupus du larynx par le Dr. Marty.

Des arthropathies tabétiques du pied par Pavlidès.

Rapport sur l'épidémie de fièvre typhoïde par le Dr. V. Nivet.

Les synalgies et les synesthésies par Henry de Fromentel.

Le développement du fœtus par Dr. La Torre.

Traité de pharmacologie, de thérapeutique et de matière medicale par T. Lauder-Brunton, vol. 1º

Leçons de clinique chirurgicale par M. le Dr. Péan, vol. 6º

Cours de zoologie médicale par M. Louis Roule.

Hygiène de la vue par Galezowski & Kopff.

Premiers principes du microscope et de la technique microscopique par Fabre — Domergues.

Les anomalies de la vision par A. Imbert.

Les parasites de l'homme par R. Moniez.

Guide pratique de petite chirurgie par Michel Gangolphe.

La biologie végétale par Paul Vuillemin.

Hygiène de la beauté par E. Monin.

Traité élémentaire de l'hystérie par G. Thormes,

Algumas publicações de ALVES & C.

46 E 48 RUA GONÇALVES DIAS 46 E 48

<i>Historia da Grecia e de Roma</i> , por João Maria da Gama Berquó, 1 vol. br.	2\$000
<i>Grammatica allemã</i> , theorica e pratica, por Emilio Otto, adaptada ao programma do ensino no Brazil, por Adolpho Neumann, 1 vol.	4\$000
<i>Diccionario grammatical</i> , contendo em resumo todas as materias que se referem ao estudo historico e comparativo da lingua portugueza, compilado por João Ribeiro, 1 vol.	4\$000
<i>Grammatica portuguesa</i> , curso superior (3º anno), por João Ribeiro, 2ª edição correcta e augmentada, 1 vol. in-12.	3\$000
<i>Grammatica portuguesa elementar</i> , curso médio (2º anno), por João Ribeiro, 1 vol.	2\$000
<i>Grammatica portuguesa da infancia</i> , curso primario (1º anno), por João Ribeiro.	1\$000
<i>Princípios de composição</i> (Descripções, narracões, cartas, etc.), por Guilherme do Prado, 1 vol.	1\$500
<i>Analyse lógica e noções de Syntaxe e Rhetorica</i> , por G. Ch. Raoux Briggs, 1 vol.	1\$500
<i>Curso de Geographia Geral</i> , etc., pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol.	3\$000
<i>Guia Pedagogica de calculo mental</i> e uso do contador mecanico ou arithmometro no ensino elementar da arithmetic, traducción e adaptacão ás nossas escolas, por Alambary Luz, 1 vol.	2\$000
<i>Tratado de Methodologia</i> , por Felisberto de Carvalho, 1 vol.	2\$000
<i>Arithmetic da infancia e metrologia</i> , por Monsenhor C. Couturier, Bacharel em Sciencias e em Lettras, Professor de Mathematicas, 3ª edição, 1888, 1 vol. in-32 cartonado.	\$400
<i>Elementos de grammatica francesa</i> , por Lhomond, traduzida em portuguez, novissima edição correcta e melhorada, 1 vol. in-32.	1\$000
<i>Arithmetic das escolas primarias</i> , organisada de accôrdo com os relativos preceitos pedagogicos, por Felisberto R. P. de Carvalho, 1 vol. cart.	\$800
<i>Geographia-atlas</i> , contendo oito mappas, seguida d'um ligeiro esboco chronologico da Historia do Brazil e de poucas noções de cosmographia, por Monsenhor C. Couturier, 1 vol.	1\$000
<i>Catecismo da Doutrina Christã</i> , aprovado pelo Illm. e Exm. Sr. D. Pedro Maria de Lacerda, por Monsenhor C. Couturier, 1 vol. cart.	\$500
<i>Compendio da Historia Sagrada</i> , dedicado á infancia brazileira, ornado com 108 estampas e 6 mappas, por Monsenhor C. Couturier, 1 vol.	\$800
<i>Diurnal da mocidade christã</i> , dedicado aos filhos e filhas da Terra de Santa Cruz, por Monsenhor C. Couturier, 1 vol.	2\$000
<i>Historia Antiga do Oriente</i> , por João Maria da Gama Berquó, 1 vol. br.	1\$500

Rio de Janeiro, 14 de Fevereiro de 1889.

Livraria Classica

DE

ALVES & COMP.
Rua Gonçalves Dias 48
Endereço telegraphico
CLASSICA

Ilm. Sr ,

Temos a satisfação de comunicar a V. S. que temos nos
prélos, e sahirão á luz no mezen corrente, as seguintes obras:

- a) NOÇÕES DE HISTORIA UNIVERSAL, por João Maria
da Gama Berquó, professor substituto de
Historia e Geographia no Imperial Collegio
D. Pedro II, 1 vol.
- b) GEOGRAPHIA GERAL DO BRAZIL, por A. W.
Sellin, traduzida e consideravelmente aug-
mentada por J. Capistrano de Abreu, 1 vol.
- c) ELEMENTOS DE ARITHMÉTICA pelo Dr. João J.
Luiz Vianna, 3^a edição, 1 vol.
- d) RUDIMENTOS DE HISTORIA UNIVERSAL, traducção
de D. Maria E. Leal, 1 vol.
- e) O BRAZIL EM 1889 — GEOGRAPHIA DO BRAZIL,
pelo Dr. Moreira Pinto 3^a edição, consideravelmente
melhorada 1 vol.
- f) NOÇÕES DE HISTORIA UNIVERSAL, pelo Dr.
Moreira Pinto, 2^a edição muito melho-
rada, 1 vol.

Em todos estes livros fazemos vantajosos abatimentos aos col-
legios, seminarios e livrarias.

Pedimos, pois, a V. S. o favor de nos dirigir os pedidos
d'estes novos livros.

Chamamos a atenção de V. S. para o annuncio que se acha
no verso desta circular.

Queira acceitar os protestos de estima e consideração dos

De V. S.

Att.^{os} Ven.^{os} e Obr.^{os}

Alves & Comp.